

A repórter brasiliense investigou a ficção

Um dia (se não me engano, no verão de 85), recebi, em São Lourenço, no Circuito das Águas/Minas, onde participava do congresso "Cinema e Literatura", um telefonema inesperado. Era Joaquim Pedro, que conhecia apenas de entrevistas.

Joaquim me convidava para ajudar na feitura do roteiro de seu novo filme — *O Imponderável Bento*. Respondi que não tinha nenhuma qualificação para tal. Ele insistiu, lembrando que a recomendação viera de Fernando Cony Campos (*Laçrões de Cinema, O Mágico e o Delegado*), nosso amigo comum. Coloquei meus serviços como repórter, ou seja, entrevistaria e pesquisaria, em Brasília, tudo que fosse útil ao roteiro. Nos despedimos, marcando encontro em São Paulo, uma semana depois. Eu ia dar sequência às minhas férias na cidade, e Joaquim ia consultar um técnico japonês, que se encarregaria dos efeitos especiais do filme (a queda do avião, as levitações de Bento, etc).

Ele me deu duas versões do roteiro e falamos dos altos custos de produção e o fato de não conseguir filmar desde 80, quando realizou *Pau Brasil*. Como brasiliense, reconheci muitos dos personagens. Em especial *Taís*, abertamente decalcada na colunista Consuelo Badra.

Enviei material para melhor compor *Taís*, a jornalista em questão. Como sempre atuei na área cultural, como repórter ou editora, conhecia bem a função de uma colunista social no jornal.

Entendi, que não pegava bem, uma colunista social ligada a grupos de esquerda e bem sintonizada com a redação. Geralmente, os colunistas são ausências frequentes no dia-a-dia barulhento dos jornais. Quem seria — me perguntei —

um bom modelo de repórter, com trânsito no seio do Poder? Resposta que me pareceu óbvia na época: entrevistar Leda Flora. Afinal, além de seu trabalho como repórter, ela agitava o Congresso liderando campanha pelo uso da calça comprida, sem se inibir em freqüentar o Plenário, trajando minúscula minissaia.

Também procurei o jornalista Oliveira Bastos, então um dos mais influentes editores da imprensa brasiliense. Gravei seu depoimento e, às duas fitas (a dele e a de Flora) anexei exemplares do jornal *Cidade Livre*, onde Murilo Murça e Mário Eugênio relatavam alucinada passagem pelo *Correio do Planalto*, jornal de crimes, onde criaram personagens como o Crioulo Voador, o Tarado do Opala Amarelo, etc, etc.

Em dezembro, nos reencontramos em Havana, onde Joaquim participou (como membro do júri) do Festival do Novo Cinema Latino-Americano. O cineasta me contou

que estava amadurecendo o roteiro do *Bento* e que, quando desse, me enviaria o resultado final. Na volta, ficamos dois dias em trânsito, em Lima/Peru. O grupo brasileiro, formado com cineastas, jornalistas e pesquisadores, hospedou-se numa pousada em Miraflores, próxima ao Pacífico. Todo nosso tempo era consumido em conversas sobre cinema, fofocas, passeios pelo bairro (tido como a Ipanema limenha), idas ao Mercado Inca e à *Latin Brothers*, a mais cafona e deliciosa *cevicheria* da capital peruana. Lá, comemos (Maria Rita Galvão, Isa Castro, Helena Salém e Joaquim) o mais apimentado *ceviche* do mundo. Choramos, os cinco, sem querer. Mas nos divertimos muito.

Hora de Gilberto Freyre

— Nos anos seguintes, só tive notícias de Joaquim, através do produtor Marcelo França, que batalhava recursos para concretizar a caríssima produção. *Casa Grande, Senzala & Cia*. Fiquei preocupada, pois

achava que o cineasta, deveria retomar o pique com projeto menos oneroso (no caso, *Bento*). Marcelo, obstinado, garantia que os recursos viriam. Não vieram. Em 10 de setembro de 88, estava na Bahia, participando da *Jornada de Cinema de Salvador*, quando chegou a notícia da morte do cineasta. O baiano Fernando Cony Campos chorou. Guido Araújo também. A tristeza foi geral. Só Luiz Carlos Lacerda, autor de *Leila Diniz*, teve comportamento menos depressivo. "Joaquim era um libertário", enfatizou. "O menos careta de sua geração. Enquanto os *cinemanovistas* amarravam sua caranca com discursos stalinistas, ele fazia plástica e escrevia roteiros que traziam uma nova visão da sexualidade. Vamos lembrar dele com alegria, que é isto que ele merece".

Alguns meses depois da morte de Joaquim, Calil me ligou, avisando que a Cinemateca estava pensando em publicar um livro com o

Divulgação

roteiro de *O Imponderável Bento*, e que gostaria que eu escrevesse um artigo, pois era arrolada como colaboradora. "Não, Calil", respondi, "eu fui apenas uma *coletora* de depoimentos, uma *enviadora* de material. Não tenho importância nenhuma na história do quase-filme".

Ana Galano, viúva do cineasta, por sua vez, me ligou, insistindo que escrevesse o artigo. Disse a ela que me sentia constrangida, pois minha colaboração era mesmo muito modesta. Insistiu tanto, e com tamanha generosidade, que prometi escrever. Mas não escrevi. Fiquei inibida em dar um depoimento muito doméstico.

Faço-o agora, nas páginas do *Jornal de Brasília*, porque página de jornal dura um só dia. Ou será que não é só por isso?

Para ser sincera, ao ler a versão final do roteiro, observei que minhas entrevistas e sugestões foram usadas como matéria-prima. Oliveira Bastos, o OB, serviu de matriz (totalmente recriada é claro), do personagem Odair Barros, o editor do *Correio de Brasília*. A jornalista, ao transformar-se em colunista social, adequa-se bem melhor ao modelo inicial (e diluem-se as explícitas referências a Consuelo Badra). E, surpresa das surpresas: Joaquim resolveu aproveitar a história do Crioulo Voador, transformando-o em personagem desta sua alucinada fábula mística-política-amorosa. Confesso que, agora, me sinto colaboradora do roteiro. Mesmo que em companhia de Fernando Cony (este roteirista fantástico, que a morte nos roubou, num dia de Natal, meses depois de Joaquim). Aliás, os dois devem estar escrevendo arrepiantes e debochadas hagiografias no céu. (MRC)



Peregrino, Coutinho, Rosário, João Batista, Marlene, Tandler e Joaquim, trânsito em Lima